

# **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

**A economia cacauceira baiana nos jornais do Rio de Janeiro e São Paulo entre  
1970-1995**

Frederick Oliveira Moraes

Mestrando PPGH-UESC

Email: [fomoraes@uesc.br](mailto:fomoraes@uesc.br)

Esse trabalho é o resultado das minhas pesquisas e leituras iniciais para a elaboração da dissertação de mestrado do PPGH da UESC. Para o mestrado pretendo estudar a trajetória de um grupo empresarial de Itabuna-Ba que atuava na negociação e exportação de cacau (o Grupo Chaves), durante o decênio 1985-1995, período da crise da cacauicultura. O recorte temporal citado será também a baliza cronológica para as reflexões deste trabalho, que se propõe levantar as notícias da cacauicultura nos jornais do Rio de Janeiro e São Paulo no período de 1970-1995. Pretendo comparar no futuro próximo o resultado dessa pesquisa com as informações de outras fontes jornalísticas oriundas dos jornais baianos, sejam de Salvador ou de Ilheus e Itabuna. Os resultados parciais desse trabalho farão parte da própria dissertação, e é o interesse em estudar o período da crise do cacau que me moveu a escolher essas balizas temporais. Além disso, a historiografia sobre a Região Cacauceira da Bahia não ultrapassa os anos 1970, havendo um vazio de produção historiográfica sobre os anos 1980 e 1990. Vale lembrar que na história recente da região, a crise da cacauicultura, que teve seu ápice nos anos 1990, foi talvez o fato mais impactante naquela sociedade pois trouxe transformações intensas a níveis econômicos e sociais.

Sobre o caminho utilizado para a realização desse trabalho, começo destacando os limites que me proponho. Aqui não pretendo fazer uma pesquisa com a diversidade de fontes que uma pesquisa mais robusta em história se propõe, o que pretendo é levantar e tipificar as notícias de jornais específicos. Daí analisar e interpretar, dentro do que é possível para os limites desse trabalho, as informações levantadas sobre uma perspectiva teórica específica. Para isso, foi realizado um levantamento das notícias dos jornais de São Paulo e Rio de Janeiro acerca da cacauicultura entre 1970-1995. Oitenta e sete matérias no total. As notícias foram classificadas respeitando a temporalidade e o

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

tipo de notícia. Foi feita uma avaliação qualitativa a partir do tipo de notícia que prevalecia, tentando indentificar regularidades e descontinuidades no tempo. Foram consultados os seguintes jornais: Jornal do Comércio (RJ), Correio da Manhã (RJ), Jornal do Brasil (SP), A Tribuna (SP), Jornal do Comércio (SP), Manchete Rural (RJ) e Jornal do Brasil (RJ). Todo esse material encontra-se disponível para domínio público no site da biblioteca nacional.

Entre os anos 1985 e 1995 o cenário geopolítico mundial foi marcado por uma imensa transição conjuntural. Foi o fim da guerra-fria, decadência da URSS e consolidação dos EUA como potência mundial hegemônica. Essa mudança de panorama teve enormes consequências econômicas para os diversos países do mundo, pois desde 1970, com a crise do petróleo e a ascensão de Reagan no EUA e Thatcher no Reino Unido, o Estado, enquanto instituição fortemente participativa da economia de um país, passa a ser questionado. Desde 1968 a chamada “Nova Esquerda” (new left), por um lado, já fazia severas críticas tanto ao Estado de Bem Estar Social quanto as experiências socialistas no leste europeu. Por outro lado, digamos á direita, houve um ressurgimento do liberalismo e da defesa de um estado mínimo. Pela direita e pela esquerda, o antigo pacto keynesiano que vigorou no mundo capitalista após 1930, foi paulatinamente substituído por aquilo que convencionou-se chamar de neoliberalismo. (FIORI, 2003, p.17)

No Brasil, a transição do regime militar para nova ordem democrática foi essencialmente conservadora e negociada evitando perseguições e mudanças abruptas no sistema. (FERREIRA et. al, 2018, p. 73) Esse período foi marcado por uma dupla orientação nem sempre convergente. Por um lado fortes reformas institucionais de garantia dos direitos individuais, forte proposta de seguridade social e proteção ambiental (FERREIRA et. al, 2018, p. 74). Por outro, foi marcado pela ascensão do liberalismo no plano econômico substituindo de alguma forma o paradigma desenvolvimentista que orientava a estratégia geral das ações econômicas dos governos desde pelo menos 1950 com JK. (FERREIRA et. al, 2018, p.75-77) Entre 1985 e 1995 três presidentes foram empossados: José Sarney, Fernando Collor de Melo e Itamar Franco. Em 1995 Fernando Henrique Cardoso, ex-ministro da fazenda de Itamar, foi eleito Presidente da República com apoio da popularidade do Plano Real, projeto

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

econômico por ele liderado no governo Itamar, que conseguiu controlar a inflação (SALLUM JR, 2018). O Brasil iniciava em 1985 nova fase de sua história, marcada na economia pela ruptura com o modelo desenvolvimentista, de forte participação do Estado na condução de uma política industrial, para o modelo liberal, que priorizava um Estado menor e maior protagonismo das forças do mercado (FIORI, 2003).

Para compreender a importância do Plano Real naquele contexto é importante entender que em 1980 o Brasil sofria as consequências das mudanças estruturais da economia internacional. A crise cambial tornava praticamente impossível pagar o serviço da dívida externa, que por conta da crise do petróleo dos anos 70 e do aumento repentino dos juros básicos dos EUA, tornava a dívida brasileira, feita sobre juros flutuantes, muito grande para os padrões econômicos nacionais. Outros fatores internos contribuíam também para o aumento da inflação de forma absolutamente descontrolada, como por exemplo o desequilíbrio fiscal e a indexação da economia. (FERREIRA et. al, 2018, p.78) A solução para inflação só veio durante o governo de Itamar Franco com o Plano Real. Esse plano foi antes de tudo o fruto da inteligência, perspicácia e criatividade de alguns economistas, principalmente André Lara Rezende e Pêrsio Arida, que longe de dogmas limitadores apreenderam a natureza do problema e suas possíveis soluções.

“ajudei a desenvolver a tese de que a inflação, sobretudo quando há mecanismos de indexação de preços e salários, tem um grande componente de inércia. Ainda que na ausência de novos focos de pressão, a inflação tende a se perpetuar. Choques de alta levam a sua aceleração, mas os choques deflacionários se fazem sentir primordialmente sobre o nível de atividade, com pouco efeito moderador da inflação. A tese da inflação inercial dava uma explicação para o repetido fracasso das tentativas de controlá-la com base na ortodoxia, a partir do receituário inspirado na TQM, mas não ofereciam uma proposta alternativa”. (REZENDE, 2019, p. 96)

Assim as antigas medidas dos ortodoxos (política fiscal contracionista) e dos heterodoxos (congelamento de preços por exemplo) não surtiam efeito num cenário de inflação inercial. A proposta inovadora era a criação de uma moeda virtual indexada a inflação, paralelamente a moeda oficial, e utilizada como referência para os contratos,

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

que paulatinamente seriam substituídos pela ancora, sem necessidade de mudança drástica na troca de moeda. Segundo Rezende:

“a inflação na prática é uma questão de formação de expectativa e por tanto um fenômeno de psicologia coletiva, mas já havíamos percebido que alguns preços, como a taxa de câmbio e a taxa de juros, são importantes sinalizadores para a coordenação das expectativas” . (REZENDE, 2019, p.169)

Sendo assim, o governo que seria apenas um teste para a estabilidade política do país, pois era o resultado da crise do primeiro governo democraticamente eleito, tornou-se o centro da resolução do maior problema que marcara os últimos anos do Brasil. O plano real encerrava pelo menos vinte anos de inflação galopante e instabilidade econômica.

Enquanto o Brasil vivia essa transição política e esse período de transtorno econômico, a região Sul da Bahia também passava por fortes transformações em sua economia. A Cacaucultura esteve no centro dos problemas e acontecimentos que marcaram a economia baiana nos anos 1980 e 1990. A história dessa cultura no sul da Bahia remonta ao século XVIII. Segundo Mary Ann Mahony, alguns proprietários de terras do sul da Bahia conseguiram desenvolver atividades econômicas de exportação baseada em cinco principais produtos: cana-de-açúcar, fumo, mandioca, café, e principalmente, madeira (MAHONY, 2006). No entanto, uma série de fatores de ordem econômica, ambiental, social e jurídica criaram condições para que esses mesmos fazendeiros se interessassem cada vez mais pelo cultivo do cacau (MAHONY, 2006). Esse fruto tornou-se o principal produto na pauta de exportação do Estado, tendo consolidado a Bahia como maior produtor de cacau do mundo já em 1890. (MAHONY, 2006) Entre os anos que vão de 1890-1930, os cacaucultores experimentaram um forte aumento da demanda e dos preços das amêndoas de cacau no mercado externo, fato que possibilitou a ocupação da região sul da Bahia com um crescimento populacional da ordem de 6% ao ano (GARCEZ, 1977). Durante a Primeira República o cacau chegou a representar 53,5% do total de produtos exportados da Bahia. Celso Furtado, destacou a importância e a singularidade da economia do cacau na Bahia e no Nordeste: “O cacau,

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

cujas exportações evoluíram muito favoravelmente (...) veio a constituir um núcleo de um sistema econômico autônomo – destacado geograficamente da economia nordestina preexistente” (FURTADO, 2005, p. 148).

A produção, comercialização, beneficiamento e exportação do cacau era o eixo que articulava vários setores da economia da região cacauífera. Angye Cassia Noia, Moema Maria B. C. Midlej e Jorge Osvaldo Romano em artigo intitulado *Cacauicultura no Sul da Bahia: trajetórias, crises e perspectivas* afirmam:

fonte predominante de tributos para o município e para o Estado da Bahia, gerador de emprego e riquezas, além de influenciar na formação do perfil sociocultural da região. Desencadeou a expansão do comércio, das rodovias, do porto, da urbanização, da capacidade de importação e exportação e, em consequência, fomentou o crescimento populacional e a ampliação de serviços públicos e privados. (NOIA et. al, 2015, p. 116)

Esse fato é confirmado por Kátia Vinhático Pontes em sua tese de doutorado. Para Kátia existe uma forte relação entre o aparecimento das ferrovias no Brasil e o advento de uma agricultura de exportação. Chama atenção para esse fenômeno na Bahia e seus vínculos com o capital inglês, particularmente no aparecimento do Porto de Ilhéus e a estrada de ferro Ilhéus-Vitoria da Conquista, estruturas que foram criadas pelas demandas de transporte de escoamento do cacau. (PONTES, 2018). Em 1955, no livro *Zona do Cacau*, Milton Santos destaca para a importância do fruto na formação de uma região produtora de viveiros para abastecer as principais cidades monocultoras (SANTOS, 1957). Essa região cacauífera, que está além das principais cidades produtoras de cacau, segundo Milton Santos, foi viabilizada economicamente graças a demanda por produtos diversos que a Zona Cacauífera exigia (SANTOS, 1957). Em fim, desde investimento em infraestrutura de transporte e serviços, até o aparecimento de uma economia de abastecimento, a cacauicultura definitivamente marcou o sul da Bahia.

Contudo, após a quebra da bolsa de Nova York, em 1929, o cenário de crescimento ininterrupto muda, e o cacau, como atividade sujeita às oscilações do mercado internacional, passou por fortes oscilações de preços em diversos momentos,

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

tornando a economia da região bastante sensível a esta variação (NEVES, 2018). Em 1956, após uma grande crise de preços baixos, foi criada a Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira – CEPLAC, decisiva para a modernização da atividade, que se expandiu nas imediatas décadas seguintes (NEVES, 2018).

Na década de 1970 o preço do cacau no mercado internacional esteve em alta e estimulou o aumento de áreas cultivadas em diversos países antes pouco expressivos no mercado internacional de cacau, tais como Malásia e Indonésia que foram responsáveis por 30% do aumento da oferta entre os anos de 1980 e 1990. (SILVA, 1995) Em meados dessa década, especificamente nos dois primeiros anos, as principais notícias que aparecem em jornais paulistas e cariocas são de crise da atividade cacaueira, como: inundações, doenças como Podridão Parda, queda dos preços internacionais, solicitação de ajudas governamentais como política de preços mínimos e solicitação de renegociação das dívidas dos cacauicultores<sup>1</sup>. Contudo, a partir de 1972 predominam notícias relativas as políticas de expansão da cacauicultura e suas perspectivas otimistas em relação a possibilidade do Brasil aumentar a produção. Nesse período, notícias aparecem sobre as possibilidades de desenvolvimento de uma indústria de beneficiamento do cacau na região sul da Bahia, cooperativas começam a se interessar no beneficiamento industrial do cacau, o otimismo com os preços do cacau alcançados no mercado externo marcam o tom dos jornais cariocas e paulistas. Destaca-se um ambicioso plano de expansão da lavoura cacaueira no Brasil, o Pro cacau, principalmente a expansão no Norte do Brasil e em São Paulo. Fala-se de um grande déficit na produção de cacau para as próximas década, os anos 1980 e 1990, além de uma previsão de um forte aumento na demanda mundial pelos derivados do cacau. Notícias da PECASP (plano de expansão da cacauicultura no estado de São Paulo) são constantes no jornal paulista “A Tribuna”.

Nesse mesmo jornal, o Agrônomo Jesus Repilla, da Casa de agricultura de Santos, chega a defender que o Cacau seja implantado tranquilamente pois se tornou um produto de rentabilidade segura e com pouco risco, tendo visto que a cacauicultura tinha

---

<sup>1</sup> Jornal do comércio, RJ. 1970, ed. 00048.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

saído da fase de pioneirismo no Brasil.<sup>2</sup> Em São Paulo noticia-se a atuação de uma cooperativa, CacauVale, que chegava a produzir 34 mil toneladas de Cacau e pretendia expandir a produção, pois esperava-se um déficit de 400 mil toneladas de cacau na cacauicultura brasileira até 1990. Fala-se em uma renda 1 bilhão por ano possivelmente gerado pela cacauicultura, o clima de otimismo era tanto que em uma matéria defende-se a consolidação da monocultura do cacau em Camacã, no sul da Bahia. A notícia que melhor simboliza o otimismo com a cacauicultura da década de 1970, foi sobre a proposta do deputado estadual Daniel Gomes que propõe a separação da região cacauera do Estado da Bahia, para criar o Estado de Santa Cruz, incluindo aí os municípios produtores de cacau. Parece que a alta nos preços justificou uma grande onda de otimismo com a cacauicultura, efeito expresso nas notícias de jornais mencionadas acima.<sup>3456</sup>

Entre 1980 e 1991 o preço do cacau caiu 50% devido à grande oferta oriunda das políticas de expansão da produção dos anos 1970. Em 1992, os preços do cacau no mercado internacional chegaram ao seu menor valor em relação aos quinze anos anteriores (SILVA, 1995). A partir dos 1980 as notícias sobre a cacauicultura nos jornais analisados mudam sensivelmente. Em 1978 uma notícia já se destacava em relação as que enfatizavam um otimismo com os preços do cacau. Chama atenção para informações contraditórias que ora falam de um déficit de 70 mil toneladas prevista no mercado, ora em um excedente de 104 mil toneladas, o que faria uma pressão baixista nos preços<sup>7</sup>. Essa notícia parece sinalizar a percepção de alguns agentes econômicos da cacauicultura acerca da queda de preços que aconteceria anos depois no mercado internacional. A Descapitalização atinge a lavoura cacauera e gera 30 mil demissões nos meses subsequentes. A queda dos preços e a da produtividade, além do aumento dos custos de produção e escuridão de crédito, aparecem como principais fatores de crise na região cacauera da Bahia. Aparecem notícias de críticas ao Procacau por parte do CCPC (Conselho consultivo dos produtores de cacau), afirmando-se que se financia a

---

<sup>2</sup> A Tribuna, SP. 1979, ed. 00131

<sup>3</sup> Jornal do Commercio, RJ. 1976, ed. 00090.

<sup>4</sup> A Tribuna, SP. 1979, ed. 00131.

<sup>5</sup> Jornal do Brasil, RJ. 1979, ed. 00145.

<sup>6</sup> Jornal do Brasil, RJ. 1977, ed. 00165.

<sup>7</sup> Jornal do Brasil, RJ, 1978, ed. 00083

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

expansão da cacauicultura com recursos da zona cacauera da Bahia e Espírito Santo. A Ceplac que antes era noticiada como um importante instrumento para a promoção da cacauicultura agora aparece como estando sem recursos, e mesmo “com a corda no pescoço”. Antes, nos anos 1970, a monocultura do cacau era representada nos jornais pesquisados como uma atividade segura e estável, agora começam a aparecer propostas de diversificação de culturas na região cacauera da Bahia, esse fato é expressão da instabilidade gerada com a queda sucessiva de preços nos anos 1980. Até o programa de expansão do cacau em São Paulo é destacado como problemático, graças a dificuldades técnicas e financeiras na sua implantação no Vale do Ribeira. No jornal “A Tribuna”, de São Paulo, é noticiado que Antônio José Rodrigues Rebouças queimou 30@ de cacau na Avenida Beira Rio em Itabuna em protesto aos baixos preços da amêndoa. Em uma matéria fala-se que essa é crise mais desastrosa da história do cacau. Higinio José Filho, Secretário do sindicato Rural de Ilhéus e Itabuna, destaca o êxodo em direção a Salvador e cidades industriais e seu entorno, um problema social se anuncia com o êxodo rural que está em curso.<sup>891011</sup>

Além dos preços baixos, a inflação atingiu seu patamar histórico de alta, o que abalou a economia brasileira entre os anos 1980 e 1990, fato que desestabilizou a cacauicultura, uma vez que tornava os custos de produção elevados e instáveis. Entre 1992 e 1993 a produtividade dos cacauais foi fortemente abalada por fatores climáticos e pela vassoura de bruxa. Essa doença chegou a atingir 70% das fazendas da região cacauera (SILVA, 1995). As notícias analisadas na década de 1990, confirmam as notícias de crise que dominaram as páginas de jornais da década anterior. Em 1990 aparece nos jornais o ápice da crise da cacauicultura, e nelas aparecem os debates em torno de suas causas. As primeiras notícias do período tratam da proposta do Conselho Nacional dos Produtores de Cacau no sentido de repactuar a dívida do setor (produtores, industriais e exportadores), que era de 72 bilhões, em 10 anos de prazo e 5 anos de carência. A matéria afirma- ser a maior crise da história da cacauicultura, com 250 mil trabalhadores desempregados, além de centenas de propriedades abandonadas.

---

<sup>8</sup> A Tribuna, SP. 1980, ed. 00178

<sup>9</sup> A Tribuna, SP. 1981, ed. 00043

<sup>10</sup> A Tribuna, SP. 1981, ed. 00178

<sup>11</sup> A Tribuna, SP. 1983, ed. 00233

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

Empresas de exportação pedem concordata, a vassoura de bruxa reduz a níveis nunca visto antes a quantidade de cacau produzida, fábricas funcionando com 50% de sua capacidade, além da falta de crédito. O governador da Bahia, Antônio Carlos Magalhães, reclamava da pouca importância do Governo Federal dava ao problema da cacauicultura baiana. Segundo os jornais, vários fatores contribuíram para a crise do cacau: oscilação dos preços, queda prolongada dos preços, descapitalização, política cambial do governo, inflação e carestia de insumos. Além disso fala-se de redução dos investimentos pelo endividamento dos produtores, o que conseqüentemente leva a queda da produtividade, roças sem fertilidade, plantas enfraquecidas e disseminação das doenças, o que catalisou a ação da vassoura de bruxa. A principal consequência social foi: êxodo rural, desemprego, fortalecimento de movimentos de luta pela terra e prostituição infantil. Alberto de Oliveira Santos (ex diretor da Confederação nacional de Agricultura) aponta, em uma matéria de jornal de 1990, uma possível solução para a crise do cacau, no que concerne a superprodução e a queda insistente dos preços. Ele critica a repactuação da dívida, afirmando ser essa medida ineficiente, inflacionária e paliativa. Afirma que a crise é de caráter sistêmico e mundial, sendo as propostas de solução a nível nacional ou local impossível de resolver o problema da queda dos preços em si. Nem a proposta da ONU de criar um sistema internacional de regulação de estoques seria o suficiente. Propõe ao invés de um estoque regulador (que possui altos custos de armazenagem gerando pressões baixistas) um esquema de doação do excedente de cacau á países de baixa renda para o consumo da população. Programa que seria mediado pela ONU. Doar seria mais econômico que estocar. Além disso propõe o fim do ICMS e IPI enquanto a crise perdurar, a proposta foi publicada na íntegra no Jornal do Comércio em 6 de setembro de 1990. O debate sobre a crise do cacau nos anos 1990 parece se intensificar. Outra notícia que mostra o caráter internacional da cadeia do cacau é a expectativa altista nos preços oriunda das notícias de queda na oferta das lavouras baianas. A crise aguda que afetava a atividade no Brasil, na bolsa de valores, aparecia com uma boa notícia, uma vez que há uma suposta tendência de queda dos estoques, e por tanto da oferta. Segundo essas notícias, a crise vivida no Brasil não era

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

sentida como problema no mercado internacional de cacau, representado pela Bolsa de Valores de Nova York.<sup>1213141516171819</sup>

Apesar do alívio trazido pela crise da cacauicultura brasileira para o mercado internacional, o impacto na economia e sociedade da região cacauceira da Bahia foi forte. O êxodo rural oriundo das populações que perdiam o trabalho nas lavouras de cacau, gerou problemas urbanos em cidades como Ilhéus, Itabuna e Porto Seguro. Para mensurarmos a dimensão do impacto destaco a seguinte informação: das 25 casas exportadoras de cacau, somente três sobreviveram a crise, mesmo assim atuando em níveis baixos em relação as exportações anteriores. (NOIA et. al, 2015). Se as casas exportadoras, que eram as pontas finais da cadeia do cacau no Brasil e que concentravam o resultado da atividade produtora, fecharam, é possível deduzir o efeito devastador, em setores colaterais, que eram animados pela produção, circulação, beneficiamento e exportação de cacau.

Segundo José Alexandre de Souza Menezes e Dionísio Carmo Neto, duas dimensões ajudam a compreender a natureza da crise aguda dos anos 1990; uma conjuntural e outra estrutural. No primeiro caso os economistas destacam um alinhamento de fatores que contribuíram para minar as bases econômicas do cacau, quais sejam: queda na produção devido a fatores climáticos, aumento dos estoques internacionais, longa permanência de preços baixos, cessação do tipo tradicional de financiamento e defasagem do câmbio. No segundo caso destaca-se: o modelo primário exportador, os condicionamentos culturais do cacauicultor e ao tipo de poder político da região cacauceira. Esses fatores foram reforçados pela passividade do Estado em tentar debelar a crise e a insistência na busca de soluções parciais para resolução de problemas estruturais (MENEZES; CARMO-NETO, 1993). Contudo, para pensar a crise do cacau

---

<sup>12</sup> Jornal do Comércio, RJ. 1991, ed. 00197

<sup>13</sup> Jornal do Comércio, RJ. 1991, ed. 00201

<sup>14</sup> Jornal do Comércio, RJ. 1991, ed. 00225

<sup>15</sup> Jornal do Comércio, RJ. 1991, ed. 00231

<sup>16</sup> Jornal do Comércio, RJ. 1991, ed. 00243

<sup>17</sup> Jornal do Comércio, RJ. 1991, ed. 00247

<sup>18</sup> Jornal do Comércio, RJ. 1991, ed. 00258

<sup>19</sup> Manchete Rural, RJ. 1995, ed. 00097

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

para além de fatores econômico e naturais, é importante ressaltar uma visão global e histórica da inserção da cacauicultura na economia mundial.

Apesar dos limites do objetivo desse texto, uma reflexão mais complexa pode ajudar a melhor entender a crise do cacau dos anos 1990. Se considerarmos causas e condições que vão além da flutuação de preços e alinhamento de fatores que prejudicaram a cacauicultura, ou se considerarmos uma avaliação do contexto histórico em que a crise está inserida, como poderemos resignificá-la? Como apresentado nos parágrafos iniciais as políticas econômicas de inspiração liberal que marcaram o Brasil nas décadas de 1980 e 1990, trouxeram uma nova relação do Estado com os diversos setores da economia brasileira. Talvez a própria concepção de uma ação estatal em prol de um setor da economia em crise tenha tornado-se obsoleto. Parece que o modelo de Estado que atendeu a cacauicultura pós crise de 1929 com o ICB, e pós crise de meados dos anos 1950 com a CEPLAC já não se dispunha a tanto. O desinteresse dos agentes da União em atender os cacauicultores brasileiros, que tanto apareceu nas matérias de jornais analisadas, pode ser o reflexo de uma reorientação de política pública, muito mais profundo do que um mero descaso. Ou seja a postura do Estado brasileiro frente a crise é o reflexo de uma retomada de um paradigma econômico que vai além dos fatores imediatos da crise, tem haver com o próprio contexto histórico dos fatos.

Para melhor “ver” e compreender a crise do cacau no Brasil, é válido também citar aspectos do pensamento de Fernand Braudel. Para o historiador francês, os acontecimentos são como vagalumes, acendem e apagam, mas sempre voltam para a noite profunda, o que significa dizer que a escuridão representa a longa duração e as luzes dos vagalumes os fatos da curta duração (BRAUDEL, 2009, p.10) Numa perspectiva braudeliana é crucial um olhar atento para os fatores de longa duração, estruturais, para tanto, vale apenas trazer para a discussão conceito de Capitalismo, formulado pelo historiador francês. Trata-se, antes de tudo, de um sistema que aparece na economia-mundo europeia a partir do século XV. O autor distingue três níveis de funcionamento da atividade econômica: a vida material, da subsistência; o mercado, nível das trocas, onde reina a concorrência e a especialização; e o capitalismo, onde vigora o monopólio, a polivalência e a busca pelo maior lucro possível (BRAUDEL, 2009). O capitalismo, portanto, é o topo da pirâmide de um sistema econômico que,

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

com seus “vícios” e tendências, condicionam e desenham, de alguma forma, a arena de atuação das empresas nacionais e internacionais dentro desse grande sistema. Aqui chamo atenção para as notícias que falavam do ânimo dos mercados quando a crise da cacauicultura brasileira reduz a oferta de cacau no mercado, fato que reduziu a tendência de baixa dos preços. Enquanto a lógica da livre concorrência destruía agentes econômicos ligados as cadeias produtivas do cacau no Brasil, a bolsa de Valores de Nova York comemorava a redução da oferta e a possibilidade de lucros com uma correção de alta nos preços. Aqui cabe a seguinte pergunta: qual o lugar dos países produtores de commodities dentro do sistema capitalista? Não cabe responder essa pergunta nos limites desse trabalho mas a questão abre para uma reflexão sobre o problema.

Outro conceito Braudeliano fundamental é o de economia-mundo. Segundo Vieira (2011), tal conceito foi criado por Braudel na obra “O Mediterrâneo” e desenvolvido no livro “Civilização material e capitalismo”. Economia-mundo diz respeito a um “pedaço” do planeta, uma parte economicamente autônoma, que ultrapassa de alguma forma fronteiras políticas e culturais, tornando-se uma “grande unidade” com certa interligação e coerência interna (BRAUDEL, 2009). Das características de uma economia-mundo, a existência de um espaço ocupado e delimitado é a primeira a se destacar. As economias-mundos apresentam: limites e contornos espaciais bem definidos, um centro economicamente dinâmico, e hierarquia, pois outras unidades se articulam com o centro subalternamente (principalmente no aspecto da riqueza material). Esse conceito é bastante poderoso como instrumento analítico, pois possibilita uma percepção clara das complexas relações (econômicas, políticas, culturais, tecnológicas) entre diferentes localidades, inserindo o “local” num contexto amplo e sistêmico. Para um aprofundamento no assunto é importante trazer para discussão o conceito de “cadeia mercantil” formulado por Immanuel Wallerstein<sup>20</sup>, cuja obra se referenciou no conceito de economia-mundo de Braudel. Uma “Cadeia mercantil” é o resultado de diferentes processos produtivos interligados, que não respeitam limites políticos, culturais e geográficas. É composta por todas as

---

<sup>20</sup> Immanuel Wallerstein é sociólogo, pesquisador-sênior do Departamento de Sociologia da Universidade Yale; estudioso do marxismo e crítico do capitalismo global e referência teórica dos movimentos antiglobalização. Disponível em: [www.boitempoeditorial.com.br/autor/immanuel-wallerstein-111](http://www.boitempoeditorial.com.br/autor/immanuel-wallerstein-111). Acessado em: 17 nov de 2020.

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

fases e/ou processos necessários para a produção e comercialização de uma mercadoria, desde os insumos necessário para a produção até o consumo final (VIEIRA, 2010). As cadeias mercantis estão inseridas em uma economia-mundo e constituem uma peculiar forma de divisão internacional do trabalho, que incluem uma divisão técnica, espacial, étnica e de renda. Essa organização dos diferentes espaços na economia-mundo, agora chamado de sistema-mundo por Wallerstein, apresentam fortes consequência nas esferas sociais e políticas, pois a estratificação que permeia o sistema distribui as diferentes atividades e suas respectivas vantagens ou desvantagens na acumulação do capital e nas rendas, de acordo com a posição ocupada (VIEIRA, 2010). Isso significa que estudar as diferentes cadeias mercantis no qual a economia de um dado território se insere, contribui para mapear a posição ocupada por esse local dentro da economia-mundo, ou sistema-mundo para usar o termo do sociólogo. Decifrar a cadeia mercantil na qual o cacau está inserido é fazer o desenho dos diversos elos dessa cadeia, identificando os principais agentes, suas atividades, suas vantagens e desvantagens relativas e a reprodução de seu lugar dentro do sistema.

A cadeia produtiva do cacau envolve: produtores rurais de vários portes, compradores de cacau, transformadores primários como as moageiras, armazenamento, transporte terrestre e marítimo para exportação, transformação secundária (Ex: o liquo e a manteiga de cacau) e transformação final (Exemplo as industrias de chocolate). Carlos Chaves, em dissertação apresentada no programa de pós graduação em Economia Rural da UFV em 2000, a partir de dados bibliográficos de sua pesquisa criou a seguinte tabela para apresentar a cadeia produtiva do chocolate:

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História

## Rio de Janeiro/RJ, 2021

Atividades	Intervenientes/Processo	Tendências no Brasil
Produção de cacau (cultivo) ↓ ↓ ↓ ↓	África Ocidental: Pequenos produtores América Latina: Grandes produtores Médios produtores Pequenos produtores Sudeste da Ásia: Grandes produtores Pequenos produtores.	No Brasil, a maior parte da produção é realizada por uma grande parcela de médios proprietários.
Compra de cacau ↓ ↓	Geralmente efetuada por empresas estatais, comerciantes privados locais e agora, cada vez mais, por multinacionais.	No Brasil, até o final da década de 80 a maior parte da compra das amêndoas de cacau era feita por empresas intermediárias. Atualmente, as firmas moageiras estão com departamentos especializados para efetuar estas transações
Transformação (moagem) nas origens ↓	Boa parte da moagem é feita no Brasil e menos na África Ocidental.	O Brasil processou, em média, mais de 75% da amêndoa de cacau entre 1990 e 1997.
Armazenamento e fumação ↓	Feito na origem	Idem no Brasil
Exportação e transporte marítimo ↓	Principalmente para a Europa Ocidental e Estados Unidos, na maior parte FOB	Idem no Brasil
Transporte, armazenamento e estocagem ↓	Países importadores	Atualmente, o transporte está sendo feito pelos produtores rurais, o que eleva o custo de produção.
Transformação (moagem) nos países importadores ↓	Produção de <i>liquor</i> , manteiga de cacau e cacau em pó	Não se é possível estabelecer uma proporção definitiva de cada um dos subprodutos do cacau. A quantidade produzida de cada item irá depender da quantidade de polpa, gordura e sementes de cada espécie.
Fim da cadeia de produção (chocolates)	Indústria de chocolates e indústria alimentícia; nesta parte da cadeia são aplicados substitutos para a manteiga de cacau, nem sempre perceptível para o consumidor	Apesar de existirem normas que regulamentem a produção nacional de chocolate, ainda não foram regulamentadas.

Fonte: Dados básicos de NASCIMENTO et al. (1994) - NASCIMENTO, F.R., LANDIM, A.D., BARROCO, H.E., FERREIRA, H.I.S. **A crise da lavoura cacauífera: sua natureza e soluções (uma análise das possibilidades do cacau)**. Brasília: IPEA, 1994. 227 p. (Estudos de Política Agrícola. Documentos de Trabalho, 26).

A tabela acima demonstra os diversos elos desse mercado, o que possibilita uma visão mais global do “lugar” onde a cacauicultura está inserida. Esse entendimento estrutural torna claro o caráter internacional e interconectado dos negócios em torno do cacau. Aqui chamo atenção para a matéria que trata sobre proposta de Alberto Oliveira Santos para crise de superprodução do cacau, que apareceu em um dos jornais citados acima. Ele ressalta o caráter sistêmico e global do problema que tagenciava a superprodução de cacau. Se considerarmos o conceito de Cadeia Mercantil entenderemos que a crise do cacau no Brasil foi a crise de um elo do mercado internacional de cacau, que inclusive não abalou negócio como um todo, e sim a região que dependia dessa cultura.

Tentamos argumentar no sentido de ressaltar o caráter internacional da crise, sem querer negar no entanto outros fatores internos que influenciaram o processo. Buscar compreender o caráter sistêmico da crise do cacau, é tentar mostrar como as

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

mudanças na conjuntura econômica internacional, e o funcionamento do próprio capitalismo, afetavam diretamente a organização da cacauicultura no Brasil, mais especificamente na região cacauieira baiana que concentrava a maior parte da produção no país. Para isso busquei considerar referenciais teóricos que contribuam para explicar de que forma que a cacauicultura brasileira estava inserida em um sistema mais complexo, e que talvez ajuda a entender a própria natureza da crise. Considerar as cadeias e inteligência globais é sair de um nacionalismo metodológico em direção a uma abordagem que privilegie fatores que ultrapassam os motivos “regionais”, possibilitando por tanto um debate mais profundo sobre o problema. Por isso torna-se importante uma historiografia que consiga considerar a história da região com suas conexões econômicas internacionais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAUDEL, Fernand. **Civilização material, economia e capitalismo, séculos XIV ao XVIII**. 3v. I. As estruturas do cotidiano. II. Os jogos da troca. III. O tempo do mundo. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CHAVES, Carlos Moisés Oliveira. **Análise da Cadeia Agroindustrial do chocolate no Brasil**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Economia Rural, UFV, Viçosa-MG, 2000.

FERREIRA, Jorge e DELGADO, NEVES, Lucilia de Almeida (orgs). **O tempo da Nova República: da transição democrática a crise política de 2016: Quinta República (1985-2016)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

FIORI, José Luis. **O vôo da coruja**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 2005.

MAHONY, Mary Ann. The Local and the Global: Internal and External Factors in the Development of Bahia's Cacao Sector. In: TOPIK S.; MARICHAL C.; FRANK Z. **From silver to cocaine: Latin American Commodity Chains and the building of the world economy, 1500-2000**. Duke University Press. Durham and London 2006.

MENEZES, José Alexandre de Souza; CARMO-NETO, Dionísio. **A Modernização do Agrobusiness Cacau**. Campinas-SP, Fundação Cargil, 1993.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

NEVES, Karina Fernanda Travagim Viturino. **Formação territorial do Sul da Bahia e produção não-convencional do cacau**. Dissertação (Mestrado). Programa de pós-graduação e Geografia Humana, USP, São Paulo, 2018.

NOIA et. al. A cacauicultura na Região Sul da Bahia: trajetória, crises e perspectivas. In: GOMES, Andréa da Silva; PIRES, Mônica de Moura. **Cacauicultura: estrutura produtiva, mercados e perspectivas**. Ilhéus-Ba: Editus, 2015.

PONTES, Kátia Vinhático. **O binômio porto-ferrovia: o escoamento da produção cacauceira no sul da Bahia (1920-1947)**. Tese (Doutorado): Niterói: UFF. Programa de Pós-Graduação em História, 2018.

RESENDE, André Lara. “**Consenso e Contrassenso: déficit, dívida e previdência**”, Valor Econômico, 8 de março de 2019.

SALLUM JR, Basílio. “O governo e o impeachment de Fernando Collor de Mello”. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, NEVES, Lucilia de Almeida (orgs). **O tempo da Nova República: da transição democrática a crise política de 2016: Quinta República (1985-2016)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

SANTOS, Milton. **Zona do cacau: introdução ao estudo geográfico**. Salvador: Artes Gráficas, 1955.

SILVA, Jeane Virginia Orrico da. **A crise do cacau e os impactos sobre a economia da região cacauceira da Bahia**. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Ciências Econômicas, UFBA, Salvador, 1995.

VIEIRA, Pedro A. “A inserção do Brasil nos quadros da economia-mundo capitalistas no período 1550-1800, uma tentativa de demonstração empírica através da cadeia mercantil do açúcar”. **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 19, n. 3 (40), pp. 499-527, dez. 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ecos/v19n3/04.pdf>>. Acessado em: 17/11/2020.